



Comunicação

ESTRATÉGIAS POLICIAIS PERANTE NOVAS AMEAÇAS E RELAÇÕES SEGURANÇA PÚBLICA- DEFESA NACIONAL

Gustavo Gorriti*

A principal ameaça que viveu o Peru em termos de segurança pública e nacional foi a insurreição do Sendero Luminoso. Desde seu início, enganosamente simples, até o momento, no final da década de 1980 e começo de 90, quando o Sendero afirmou haver alcançado a paridade estratégica e iniciado a etapa dirigida a conquistar o poder, o Peru viveu uma guerra interna na qual morreram dezenas de milhares de pessoas e sofreu uma destruição material de bilhões de dólares.

Para fins práticos, a guerra interna terminou há alguns anos. O Sendero Luminoso mantém grupos armados em algumas regiões do país, mas o que restou não constitui mais uma ameaça estratégica, como foi, e muito, até fins de 1992.

Por que trazer para discussão o caso no contexto desse estudo? Porque aquela ameaça sem precedentes no Peru pôs em jogo todo tipo de reações e respostas por parte de um Estado confuso, que viu como fracassavam, um após outro, seus esforços, enquanto a situação piorava até tornar-se quase insustentável.

Uma vez que a polícia foi derrotada em 1982, na primeira área em estado de emergência (a de Ayacucho, na serra centro-sul do país), as Forças Armadas assumiram a tarefa contra-insurgente, pondo em prática as doutrinas de contra-insurgência que haviam sido empregadas poucos anos antes, frente às insurreições guerrilheiras na América do Sul, especialmente no Cone Sul, e que em todos os casos terminaram com a supressão da democracia, a instauração de ditaduras e a prática de atrocidades contra dezenas de milhares de pessoas.

Essa doutrina, herdada da *guerre révolutionnaire* francesa, essencialmente contrária à democracia, foi aplicada no Peru, inicialmente, nas áreas provincianas onde se deu com maior força o crescimento da organização maoísta. Apesar do grande número de vítimas, (mortos, desaparecidos, refugiados), a insurreição, além de não ser dominada, continuou crescendo e difundindo-se por novas regiões do país.

*Jornalista, Diretor da Área de Segurança Cidadã do Instituto de Defesa Legal.

O fracasso das estratégias de repressão brutal causou outro efeito colateral: a erosão paulatina da democracia peruana, jovem, precária e frágil, que perdia regiões inteiras do território nacional quando essas se declaravam em emergência e se colocavam sob controle de um comando político-militar. Assim, enquanto a insurreição se expandia e fazia metástases, também se expandiam paralelamente ditaduras militares estaduais, dentro de um governo democrático nacional. A democracia peruana abdicava gradualmente, e cada vez mais, de seu governo e do império da lei, porque simplesmente não sabia como enfrentar a insurreição e como empregar suas próprias ferramentas de defesa.

Em fins da década de 1980, a situação havia se agravado consideravelmente e as principais cidades do país, entre as quais Lima, se transformavam em palcos cada vez mais centrais da guerra interna. Ao longo desses anos, as diversas forças que enfrentavam o Sendero (as Forças Armadas, as polícias, os grupos organizados da sociedade) haviam ensaiado diversos meios e formas de enfrentar os maoístas. Uns mais cruéis que outros e alguns mais eficazes que os anteriores. O Sendero tinha perdido o controle de alguns territórios previamente dominados (e tiranizados), sobretudo quando os camponeses se levantaram para enfrentá-los. Em alguns casos, com a ajuda das Forças Armadas, em outros, praticamente sós. Mas na soma total da guerra interna, o Sendero estava mais forte que antes, controlava ou influenciava mais territórios e se preparava para variar a clássica estratégia maoísta com uma que tinha fortes elementos da doutrina prévia do Comintern: tentar provocar o colapso do governo desde as cidades e de sua periferia imediata.

Uma figura de suprema importância durante toda a guerra, se fazia agora duplamente vital. Abimael Guzmán, o “Presidente Gonzalo”, era não só o líder indiscutível do Sendero Luminoso, mas já se transformara no mais próximo que um movimento maoísta ultra-ortodoxo poderia ter de adoração quase religiosa. Diferentemente dos casos de, por exemplo, Stalin, Mao ou Kim Il-Sung, nos quais o chamado culto à personalidade se manifestou depois da vitória e das demonstrações de rigor, o culto à personalidade de Gonzalo foi desenvolvida durante a insurreição e cresceu até níveis extravagantes para uma organização marxista. No meio de terremotos internos e de algumas purgas com métodos copiados da Revolução Cultural chinesa, a posição do “Presidente Gonzalo” se transformara, para os senderistas, na de profeta maior de uma religião

secular. “Gonzalo”, Abimael Guzmán, era a chave da vitória para seus fiéis. Não só no Peru mas, eventualmente, no mundo. Para seguir as ordens de quem chamavam “o maior homem vivente sobre a face da Terra”, os senderistas não exitavam em entregar a vida, já que deviam levá-la sempre “na ponta dos dedos”. No momento da morte, “da suprema entrega”, talvez entre torturas atrozes, “a chefia” estaria com eles, em uma forma de transporte místico que, de alguma maneira, haviam compatibilizado com sua convicção materialista.

Uma vez que Abimael Guzmán era tão importante, como guia estratégico, mas também objeto de culto e de fé para o Sendero, era patente que essa sua maior força poderia converter-se na sua maior debilidade. Era tal a dependência da organização rebelde do seu líder/profeta, que sua captura poderia representar um golpe demolidor, decisivo e neutralizador.

Isso foi, de uma ou outra maneira, compreendido pelo Estado peruano desde os primeiros anos da guerra. Diversos grupos de inteligência e de operações especiais foram criados durante esses anos para caçar Guzmán. A maioria teve nomes copiados de *thrillers* (o mais popular foi Skorpio), conseguiram pressupostos especiais de operações ajustadas de modo a ocultar o dinheiro empregado, sem chegar perto do líder.

O que apenas uns poucos sabiam (possivelmente não o pessoal de operações especiais de inteligência) é que Abimael Guzmán não podia estar nos Andes. Sofria de uma doença chamada policitemia¹, que tornava impossível sua permanência nas alturas por tempo prolongado. Como também sofria com problemas de pele (psoríase), o mais provável é que tivesse sido forçado a viver em uma cidade, a qual, com efeito, resultou ser Lima.

Em 1989, a maioria desses grupos de inteligência já havia fracassado. A polícia antiterrorista, afligida pelo crescimento do senderismo em Lima, deixou a investigação em profundidade que desenvolvia em meados dos anos 80, concentrando-se em ações táticas: incursões noturnas para capturar o maior número possível de ativistas e interrogatórios brutais para obter alguma informação de aproveitamento imediato. A eficiência era medida pelo número de capturas.

Então se deram duas iniciativas, quase paralelas, que buscaram enfrentar o mesmo problema a partir de duas perspectivas, métodos e filosofias totalmente diferentes.

A primeira foi a fundação do GEIN (Grupo Especial de Inteligência), no final de 1989. Seu idealizador e fundador foi um major da polícia chamado Benedicto Jiménez, que via com crescente frustração que as ações de *mano dura* da Polícia, as incursões violentas, as portas quebradas aos montes e as detenções por atacado, não solucionavam o problema, mas o agravavam.

Jiménez reuniu um grupo pequeno de policiais e os colocou para fazer o que lhe haviam ensinado seus mentores há anos: estudar a fundo o senderismo, aprender a pensar como eles, conhecer sua história em detalhes, a dinâmica de seu movimento, a sua filosofia, doutrina e estratégia. Os outros policiais viram esse esforço com desdém e os chamaram “os caça-fantasmas”. Seus chefes, vendo que não importava a Jiménez competir por cotas de gente capturada e imóveis interditados, tentaram tirá-lo da unidade. Jiménez conseguiu comunicar-se com o chefe da polícia, general Fernando Reyes Rocha, a quem convenceu que o deixasse experimentar seu método. Tanto Reyes Rocha, como o então ministro do Interior, Agustín Mantilla, decidiram apoiá-lo com um mínimo de recursos.

Em poucos meses de um acompanhamento paciente de vários suspeitos, sem deixá-los saber que eram seguidos e sem efetuar uma só detenção, Jiménez e seu pequeno grupo de policiais foram desenredando um novelo invisível. Finalmente, em junho de 1990, sendo ainda presidente Alan García, o GEIN vasculhou várias casas e, em uma delas, perto do quartel-general do Exército, encontrou não só um tesouro documental, mas a evidência que Abimael Guzmán havia vivido ali até pouco tempo. Plenamente motivados, prosseguiram com seu acompanhamento e pesquisas.

Houve, então, uma mudança de governo. Saiu Alan García e Alberto Fujimori assumiu a presidência do Peru no dia 28 de julho de 1990.

Fujimori já havia desenvolvido durante a campanha uma forte dependência em relação ao ex-capitão do Exército, Vladimiro Montesinos. Personagem extraordinariamente sinuoso, intrigante e carente de escrúpulos, e ao mesmo tempo audaz, Montesinos tinha uma fixação pelo mundo da inteligência, da espionagem e das táticas mais ameaçadoras e coercitivas para afirmar-se no poder. Ao conseguir que Fujimori o apoiasse em todas as suas iniciativas, Montesinos procurou reorganizar o Estado de forma tal que o Serviço de Inteligência Nacional (SIN), que ele

controlava, se transformasse na cúspide da pirâmide das forças de segurança e do governo. O comando conjunto das Forças Armadas, a Polícia, e, finalmente, o resto do Estado, se colocava sob as ordens e dependência do SIN.

Enquanto efetuava essas mudanças, em 1991, Montesinos buscou ter capacidade operacional própria, através de grupos de ação que estivessem sob as ordens diretas do SIN e pudessem levar a cabo as ações que ele estimasse convenientes. Um grupo especial foi formado com elementos do Exército transferidos da Direção de Inteligência do Exército (Dinte) para o SIN. O grupo se tornaria famoso pelo seu apelido: Colina.

Durante a guerra interna, houve vários grupos ou militares encarregados de missões “especiais”, tais como assassinatos e torturas. Mas a maioria operava no nível zonal ou regional. Essa foi a primeira vez que um grupo operacional com experiência nesse tipo de ação passava a depender diretamente da chefia do SIN. Isto é, da organização então mais importante do Estado.

A idéia de Montesinos foi a de utilizar esse grupo para todo tipo de ações que ele estimasse necessárias. Entre elas, certamente, as dedicadas à luta contra o Sendero Luminoso. A visão de Montesinos (e certamente a do grupo Colina) conferia grande importância às ações de contra-terror, à eliminação de inimigos ou à capacidade de fazê-lo. O SIN teria a informação e, em determinadas circunstâncias, o grupo Colina atuaria expedita e letalmente, à margem da lei, mas a serviço do poder, como um grupo secreto e aterrorizante.

Entretanto, o GEIN conseguia sobreviver à mudança de poder e prosseguia com sua paciente tarefa de estudar cada documento, de seguir as pistas já identificadas, sem ceder à tentação de prender, deixando que um suspeito os levasse a outro e este a um terceiro, todos sem dar-se conta que eram seguidos.

Considerando que esse grupo de policiais deveria ser muito especializado, levar a cabo um trabalho extremamente fatigante e desgastante, além de enfrentar um inimigo convencido de ser portador da verdade histórica, Benedicto Jiménez promoveu o desenvolvimento

de uma doutrina operacional que pode ser resumida nos seguintes aspectos:

- O GEIN proclamava sua superioridade ideológica e moral, uma vez que lutava pela defesa da vida, da liberdade e da democracia.
- O GEIN baseava sua superioridade no conhecimento profundo e detalhado do inimigo. A detenção deveria efetuar-se quando a vigilância e o acompanhamento tivessem rendido todos seus frutos. O interrogatório deveria partir de um conhecimento muito maior do que o inimigo pudesse suspeitar que se tinha dele. O conhecimento e a inteligência faziam não só desnecessária qualquer pressão, mas a superioridade funcional e moral do GEIN fazia com que se descartasse plenamente a tortura ou qualquer ilegalidade.
- Por essa razão, as detenções deveriam efetuar-se com rapidez e eficiência, mas sem nenhum excesso de força.

No final de janeiro de 1991, o GEIN interveio em uma casa na zona residencial de Chacarilla de Estanque, três dias depois que Abimael Guzmán a tinha deixado. Ali, e em outro lugar invadido ao mesmo tempo, encontrou-se outro acervo documental do Sendero, incluindo vídeos de Guzmán e seus partidários mais próximos. Nunca se chegara tão perto do chefe senderista.

O GEIN, como era seu procedimento, se dedicou a analisar os documentos, enquanto continuava com a caçada à liderança senderista. Mas desta vez o SIN exigiu que fosse permitido ao grupo Colina estudar também a mesma documentação. O GEIN não teve outra opção senão permití-lo.

Assim, durante algumas semanas, dois grupos com as metodologias, doutrinas, visões da guerra, da segurança, da lei e da vida mais opostas que se possa pensar, coabitaram dedicados, um junto ao outro, a estudar e extrair conclusões dos mesmos documentos.

Eventualmente, Jiménez expulsou o grupo Colina dos escritórios do GEIN. Pôs assim em risco sua carreira, mas seus lucros recentes lhe permitiram salvá-la. Tomou a decisão quando soube que eram espionados

pelo Colina. De qualquer forma, o estudo já havia sido realizado por ambos.

A partir desse momento, o extraordinário é a diferença de atitudes entre dois grupos que tinham estudado o mesmo material, que possuíam parecidas missões e serviam, pelo menos em teoria, às mesmas necessidades de segurança do Estado.

O grupo Colina fez um “manual” sobre o Sendero Luminoso, que lhes valeu uma felicitação e pressões para ascensões por parte do então presidente Fujimori. Poucos meses depois, no final de 1991, perpetraram o massacre de Bairros Altos, um dos motivos centrais pelos quais Fujimori foi extraditado do Chile ao Peru. Meses depois, após o golpe de estado de 5 de abril de 1992, seqüestraram e assassinaram vários estudantes e um catedrático da Universidade da Cantuta (entre vários outros assassinatos), como parte de uma política de represálias e mensagens à cúpula do Sendero Luminoso.

Por sua vez, o GEIN só disparou duas vezes nesse período, uma vez para o ar e outra acidentalmente, sem ferir nem bater em ninguém. Mas, no dia 12 de setembro de 1992, depois de uma longa vigilância a várias casas, invadiram uma academia de balé em um distrito de classe média de Lima e, no segundo andar, capturaram a Abimael Guzmán. Esse foi o golpe mortal que destruiu o Sendero Luminoso.

O paradoxal dessa captura foi que esse grupo de policiais que atuou dentro de uma impecável legalidade e que teve como norte defender a democracia, ajudou Fujimori a receber o crédito da captura e alcançasse com isso um tremendo apoio, o que justificou seu golpe de estado e a derrocada da democracia.

Ao mesmo tempo, o grupo Colina, de assassinos presumivelmente seletos, é agora o que pode levar, através da corrente de responsabilidades surgida de seus crimes, Fujimori e Montesinos a enfrentarem severas condenações.

Por outro lado, é profundamente significativo e interessante constatar a diferença que os resultados de dois grupos com a mesma missão de segurança do Estado, mas com filosofias, doutrinas, metodologias e práticas completamente diferentes, podem ter, em termos de eficácia e resultados. Essa comparação é particularmente significativa em circunstâncias de luta contra o crime organizado e contra o terrorismo.

Bem entendida, como o compreendeu o GEIN, a democracia é uma causa poderosa que ajuda a desenvolver formas superiores e altamente eficazes de pesquisa, que cumprem plenamente a função de proteger a sociedade sem fraturar nem suas leis, nem seus ideais.

Nota

¹ Alteração sanguínea caracterizada por grande aumento da quantidade de hemácias circulantes